

ANGOLA A PARTIR DE 1900. UM BALANÇO CRÍTICO DAS PESQUISAS EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Franz-Wilhelm Heimer (*)

N. B. — Este texto foi estabelecido a título de documento preparatório do grupo de trabalho «Angola a partir de 1900», do I Colóquio Internacional em Ciências Sociais sobre a África de Expressão Oficial Portuguesa, realizado em Bad Homburg, RFA, de 14 a 19 de Julho de 1980 (vidé a informação dada em Estudos de Economia, I, 1980).

De acordo com a concepção do Colóquio, o documento tomou a forma de um balanço crítico da literatura em ciências sociais, referente a Angola a partir de 1900, e que foi publicada entre 1960 e 1980. A perspectiva deste balanço corresponde àquela adoptada para o Colóquio no seu conjunto e reflectiu um enfoque interdisciplinar, definido durante os trabalhos preparatórios, sobre as formações sociais africanas constituídas durante o período da ocupação colonial. Tal enfoque privilegiou os aspectos habitualmente enfatizados pela economia política: o desenvolvimento/subdesenvolvimento económico visto em estreita conexão com as relações de poder político ou, por outras palavras, a conjugação entre relações sociais de produção e desenvolvimento/subdesenvolvimento das forças produtivas. Deu-se ainda uma especial atenção aos processos de formação de classes, às formas de dominação colonial e de reacção africana, à formação/transformação de identidades colectivas (étnicas, raciais, nacionais) e à interacção entre as sociedades e o seu meio-ambiente natural.

Em virtude de uma série de contratempos, o balanço relativo a Angola a partir de 1900 teve que ser redigido num lapso de tempo extremamente curto — de facto, apenas quatro dias —, razão pela qual se reveste de um carácter muito esquemático e provisório. As discussões no respectivo grupo de trabalho — composto por Abílio Lima de Carvalho, Bettina Decke, Carlos Rocha Dilolwa, Dorothy L. Keet, Eduardo de Sousa Ferreira, Elisete Marques da Silva, Franz-Wilhelm Heimer, Linda M. Heywood, Manuel José Alves da Rocha e Ursula Draths Schmidt puseram as bases para a elaboração, actualmente em curso, de uma análise mais completa e diferenciada que se publicará no quadro do volume-relatório sobre o Colóquio.

Para efeitos de um exame sistemático, distingue-se na história angolana a partir de 1900, cinco grandes processos que muitas vezes se sobrepõem no tempo, não correspondendo, em geral, a fases cronológicas perfeitamente delimitadas. O processo da ocupação colonial do território, começado na segunda metade do séc. XIX, prolonga-se até aos anos 20, sendo que as suas últimas manifestações se registam ainda até aos anos 40. Anteriormente a 1920, começa, no entanto a articulação de um «ultracolonialismo» (Anderson, 1963), sistematizado por Salazar a partir dos anos 30. No decorrer dos anos 50, dá-se a transição para uma nova forma de exploração colonial, o «Epi — Colonialismo» (*Late Colonialism, Spätkolonialismus*, Heimer, 77/78), que dura até 1974. Concomitantemente, inicia-se um processo de descolonização, no sentido amplo, começando por uma resistência anticolonial nos níveis cultural e político, continuando sob a forma de uma guerra de libertação, e terminando com o conflito de 1974-76. Finalmente, o último processo é o da reconstrução nacional, lançado a partir do momento em que o país se torna independente. Para cada um destes cinco processos, tentar-se-á, separadamente, indicar a medida em que os aspectos aqui relevantes foram estudados nas duas últimas décadas.

(*) Sociólogo do Arnold-Bergstraesser Institut de Erciburg (RFA).

A título de observação preliminar, parece importante destacar que o apelido «Angola desconhecida» (Pires, 1964) se aplica também ao período sob exame aqui. A nível de informação descritiva, e mais particularmente a nível de estudos analíticos, os nossos conhecimentos e a nossa compreensão da realidade angolana a partir de 1900 continuam fragmentários e insatisfatórios. Esta situação deve-se, em primeiro lugar, à natureza do sistema político prevalecente em Portugal, de 1926 a 1974, sistema este que impôs às ciências sociais em Portugal perspectivas de indagação maciçamente condicionadas por ideologias e interesses de ordem política, económica e cultural, limitando as possibilidades de investigação e esforçando-se por manter muitos ramos das ciências sociais num estado de subdesenvolvimento. Não portugueses interessados nas então colónias portuguesas em África gozavam de uma liberdade de investigação relativamente ampla, no «espaço português», quando se propunham a fazer pesquisas históricas sobre períodos remotos; a sua margem de liberdade de trabalho foi geralmente muito mais estreita, e não raramente inexistente, quando pretendiam estudar aspectos da situação contemporânea ou do passado recente (Bender e Isaacman, 1976). No que toca a contribuições genuinamente angolanas, no domínio aqui discutido, o seu número é naturalmente ainda muito restrito; Boavida (1967), Andrade e Ollivier (1971); Morais (1974); MPLA (1974); Clington (1975); Guerra (1975); Barros (1977); Dilolwa (1978), e Abranches (1980). Resumindo e exagerando, pode dizer-se que, no fundo, ainda hoje não se dispõe de mais do que uma série de pontos de referência para um estudo sistemático em ciências sociais, da realidade angolana a partir de 1900.

1 — A ocupação colonial do território

1.1 — A concorrência entre as metrópoles europeias, empenhadas no acaparamento de possessões coloniais em África, conduziu-as na segunda metade do séc. XIX a imporem-se mutuamente a obrigação de fornecer a prova da «ocupação efectiva» dos territórios que se reclamava. Em Angola, esta exigência levou a que Portugal, durante as primeiras décadas do séc. XX procedesse à *ocupação sistemática*, por meios «militares», de uma área geográfica cujos limites haviam sido acordados entre as metrópoles europeias. Simultaneamente estabeleceu-se uma rede «administrativa», inicialmente ainda pouco densa, destinada a consolidar o controlo sobre um território que, ainda em 1900, apenas em cerca de 5 % se encontrava sob domínio colonial permanente. A ocupação militar exigiu inúmeras campanhas, na sua maioria realizadas nas duas primeiras décadas do séc. XX, contra as sociedades africanas existentes no território demarcado, sociedades estas que em muitos casos opuseram ao colonizador uma resistência armada, enquanto noutros se submeteram «pacificamente», face à superioridade militar portuguesa. Pélissier [1978-a] dá-nos uma crónica detalhada

de todo este processo, focando, porém, principalmente a penetração militar do colonizador, sem aprofundar a análise das reacções africanas (e dos seus condicionamentos sociais). Numa segunda obra do mesmo autor [Pélissier, 1978-b]] e no livro de Bender [1978-a]] encontram-se alguns elementos referentes à edificação, paralela à ocupação militar, do sistema colonial administrativo em Angola, sem que esta se tenha tornado, até hoje, o tema central de uma pesquisa.

1.2 — Enquanto que a expansão militar e administrativa se realizou num ritmo acelerado, devido à conjuntura internacional, o *crescimento da sociedade colonial* — em nível económico, demográfico, cultural — seguiu um ritmo consideravelmente mais lento. Só recentemente passámos a dispor de uma primeira tentativa [Clarence-Smith, 1978-b) e 1980-b)], de, sob a forma de um ensaio sucinto, «apanhar» a dinâmica deste processo no seu conjunto [veja também, Clarence-Smith (1979-a e 1979-b)]. Trabalhos preliminares, no domínio económico, foram apresentados por Hammond (1966 e 1975) e sectorialmente, sobre o café, Birmingham (1978). Okuma (1964) e Soremekun (1965) examinaram alguns aspectos da expansão do cristianismo durante a fase em questão, um assunto agora retomado por Grohs (em preparação). Samuels (1970) e Remick (1976) descrevem o desenvolvimento de ensinos públicos e missionários. Elementos referentes às transformações sócio-culturais nos antigos núcleos coloniais, especialmente Luanda e seus arredores, encontram-se em Wheeler e Pélissier (1971), Wheeler (1972, 1978), Pélissier (1979), Duffy (1962), Dias (1978) e Bender (1978). No momento presente, dispomos de um quadro de referência para uma análise do processo, em termos de economia política, inclusivé no que se refere à formação de classes, sendo no entanto indispensável alargar substancialmente a actual base empírica, para podermos estabelecer interpretações mais seguras e diferenciadas.

1.3 — A ocupação militar e administrativa e o crescimento da sociedade colonial levaram a uma *intensificação da acção sobre as sociedades africanas e da transformação no seio destas sociedades*. Para a fase aqui discutida, ambos os aspectos foram examinados de maneira muito fragmentária. Elementos relativos a padrões de interacção encontram-se nos estudos referidos no ponto 1.2, assim como num livro apresentado por Duffy (1967), sendo de destacar que, globalmente, focam mais o comportamento da sociedade colonial. Processos de transformação no seio das sociedades africanas são tratados, numa perspectiva de economia política, em apenas três estudos: o de Clarence-Smith e Moorsom (1976/77) sobre os Ovambo; e os de Clarence-Smith [1978-c) e 1979-c)], sobre os Nyanetia e o conjunto dos agro-pastores do Sul. Os ensaios por Pssinger (1973) e Morais (1976, 1978), referentes aos Ovimbundu, fornecem indicações sobre a transição do comércio das caravanas para a cultura do milho, ocorrida nesta fase, preparando de certo modo uma análise em termos de economia política, presentemente

proposta, embora em termos bastantes genéricos, por Clarence-Smith [1979-a)]. No mesmo contexto, os artigos por Wheeler e Christensen (1973) e Soremekun (1973 e 1977) são de uma utilidade limitada. Para o resto de Angola, há apenas o trabalho de Papstein (1978) sobre os Luvale que, no entanto, se centra mais sobre a parte daquela etnia residente no território da Zâmbia de hoje. No total, as mudanças ocorridas nas sociedades africanas de Angola, durante a fase de ocupação sistemática do território, continuam portanto a ser muito mal conhecidas. É de esperar que alguns dos trabalhos em curso — particularmente a investigação de Linda Heywood sobre os Ovimbundu (1900-1950) e a extensão progressiva dos trabalhos de Jill Dias sobre os Ambundu, do fim do séc. XIX até ao começo do séc. XX — levarão num futuro próximo a uma sensível melhoria neste terreno.

2 — Edificação e vigência do «ultracolonialismo»

2.1 — Dos anos 20 aos anos 50 deste século articulou-se e prevaleceu, em Angola, este sistema que, a partir sobretudo de Davidson (1955), suscitou violentos protestos internacionais e que, na terminologia de Terence Ranger, gerou a resistência anti-colonial «secundária». Sistema que foi, no entanto, inicialmente conhecido de maneira bastante insuficiente, e cujos contornos só aos poucos se foram tornando algo mais nítidos. Uma série de obras demonstram de maneira convincente uma situação em que Portugal, inserido na rede das metrópoles capitalistas, praticava uma opressão e exploração maciça dos africanos, tanto em Angola como nas outras colónias [veja por exemplo Anderson (1963), Boavida (1967), Chilcote (1967), Minter (1977) e Ferreira (1972/74)]. A dificuldade residiu porém na tarefa de apresentar uma análise diferenciada e correcta do funcionamento do sistema e, particularmente, do processo societal ocorrido nas três décadas em questão. O balanço com certeza muito provisório, mas eminentemente útil, apresentado por Castro (1978), praticamente ainda não foi aproveitado devido ao facto de que a obra apareceu originalmente (1962), em russo, em Moscovo, estando disponível em português, só recentemente. Na discussão internacional, os ensaios de Anderson (1963, 1961 e 1962, em inglês, na revista *Monthly Review*) e de Compté [1964-a) e b)] foram durante anos seguidos por uma literatura essencialmente polémica. Um saldo qualitativo seria dado em 1971, pelo livro de Andrade e Ollivier que na sua primeira parte oferece uma interpretação consistente — embora ainda resumida e preliminar — do sistema do «ultracolonialismo» em Angola, em termos da economia política. Esta interpretação serve até ao momento presente como quadro de referência que só nalguns projectos foi aperfeiçoado pelo grupo de trabalho do Cedetim (1977). Pélissier [1978-b)] dá uma visão geral dos aspectos político-administrativos do sistema, enquanto Bender [1978-a)] trata

mais particulamente as relações raciais e os programas governamentais da colonização branca. Sobre a questão da utilização/exploração da mão de obra africana existem alguns estudos portugueses [Mendes (1966), Silva (1969), Carreira (1977)] que, no entanto, representam apenas subsídios para uma análise feita em termos da economia política. Outro subsídio útil é, neste contexto, Henderson (1979). Heimer [1979-a) e b)] chama a atenção para o facto de que, durante a fase em questão, o «núcleo colonial», [Clarence-Smith, 1979-a)] do séc. XIX se torna a «sociedade central» no seio de um «conglomerado de sociedades» onde as sociedades africanas se vêem assignado o lugar de «sociedades periféricas», conglomerado este que só no decorrer do período «ultracolonial» começa a constituir-se como uma formação social nova, caracterizada por uma grande heterogeneidade e sobre tudo pela articulação de modos de produção muito diversos. A estrutura de classe que se cristalizou no seio desta formação social em vias de se constituir é igualmente focada em Decke (1980). Também para este ponto, a conclusão é de que, até agora, não dispomos de mais do que um quadro de referência e um conjunto de hipóteses (em parte já bastante específicas) para futuras investigações.

2.2 — É preciso sublinhar que esta constatação se refere, mais particularmente, ao sistema colonial no seu conjunto assim como à estrutura básica da formação social angolana, produzida pela intervenção colonial. Em contrapartida, faltam análises detalhadas em relação às diferentes componentes desta formação social, inclusive quanto à «sociedade central» sobre a qual existe material (estatístico e outro) relativamente amplo, mas poucos estudos de carácter analítico. É óbvio que as publicações mencionadas no ponto 2.1 contêm inúmeros elementos relativos à sociedade central, especialmente no tocante a aspectos económicos e demográficos, não oferecendo, porém, nenhuma análise consistente da «estrutura interna» daquilo que foi a componente dominante — nitidamente delimitada, segundo todos os critérios — da formação social *in statu nascendi*. No campo económico dispomos do balanço mais caracterizadamente descritivo de Marques (1964/65). Uma recente tentativa de esboçar uma interpretação coesa (Ferreira, 1978, 1.^a parte) ilustra, simultaneamente, o carácter fragmentário dos nossos conhecimentos actuais, e a necessidade de uma investigação ampla e aprofundada. Nesta direcção os estudos de Rossi (1977) e Torres (1979), constituem primeiras contribuições, ambas confinadas a aspectos parcelares, que põem em destaque quanta informação de detalhe é necessária até conseguirmos alcançar uma imagem corrente, diferenciada e correcta da economia (política) da sociedade angolana, no período entre os anos 20 e 50. Resta acrescentar que há uma falta total, para esta fase, de estudos sobre a estrutura de classes e as relações raciais (e as identidades raciais) no seio da sociedade central, podendo-se apenas depreender uma variedade de indicações sobre estes temas de trabalhos demográficos (Rella, 1969) e geográficos (Amaral, 1968). É de se prever, no entanto, que

a situação nesta área temática melhorará sensivelmente como resultado da investigação empreendida por Dorothy Keet e se concentra, precisamente, na estrutura da sociedade central durante o «ultracolonialismo».

2.3 — No que toca a escassez de pesquisas, a situação é semelhante no domínio das *sociedades africanas, tornadas periféricas*. Desde 1960, há com certeza uma série de estudos etnológicos que completam os anteriormente existentes, tais como Costa (1961), Edwards (1962), Baumann [1975-a) e b)]. Estudos deste tipo, porém, apenas tratam marginalmente as questões que se colocam numa perspectiva de economia política, informam pouco sobre a estrutura de classes e não fornecem mais do que algumas indicações respeitantes à evolução das identidades étnicas em regime de ocupação colonial. Nas linhas de indagação que nos interessam, só o estudo apresentado por Urquhart (1963), sobre os agro-pastores do Sul, nos permite avançar de maneira significativa; para além disto, alguns ensaios relativos aos Ovimbundu [Pössinger (1973 e 1977) e Morais (1976 e 1978)] incluem uma série de elementos para a análise da fase em questão. No que respeita aos Ovimbundu, esta fase é o objecto principal dos trabalhos empreendidos por Linda Heywood (cf. ponto 1.3), não parecendo anunciarem-se trabalhos análogos sobre qualquer outra sociedade periférica.

3 — O período do «epi-colonialismo»

Os nossos conhecimentos das duas últimas décadas da era colonial em Angola são sensivelmente melhores do que os referentes à fase do «ultracolonialismo». A explicação reside, provavelmente, em duas circunstâncias distintas: por um lado, o desenvolvimento considerável das forças produtivas, verificado neste período, implicou a necessidade de uma certa melhoria na «produção de conhecimentos», dentro do próprio sistema colonial; por outro lado, a guerra pela independência do país provocou um interesse internacional bastante intenso que se traduziu, entre outros, numa série de iniciativas no campo da pesquisa em ciências sociais. Apesar disto, estamos ainda longe de uma compreensão satisfatória do processo societal ocorrido na fase «epi-colonial».

3.1 — Em relação às mudanças na estrutura da *formação social angolana como conjunto*, verificadas desde o fim dos anos 50 [Andrade & Ollivier (1971)], apresentam, na segunda parte do seu livro, um esboço da interpretação em termos da economia política. Retomando esta abordagem em 1977, o grupo do Cedetim completa a análise e faz ressaltar com mais nitidez as diferenças qualitativas entre as fases do «ultracolonialismo» e do *late colonialism*. Heimer [1979-a) e b)] enfatiza sobretudo a integração acelerada no seio da formação social, assim como as transformações ocorridas em nível de estrutura de classes e de relações raciais. A descrição detalhada da estrutura de classes, apresentada por

Guerra (1975), contém uma variedade de pistas para pesquisas ulteriores. Todos estes aspectos temáticos são retomados em Decke (1980), onde presentemente se encontra a interpretação mais coerente e diferenciada da formação social «epi-colonial» em Angola. Bender [1978-a)] contém, para esta fase também, contribuições sobre os temas das relações raciais e da política de colonização branca: Pélissier (1979) inclui um esboço do «sistema político local»; Ferreira (1972/74) fornece subsídios para a compreensão da situação económica; Carvalho (1964) para a da formação de classes; Heimer (1973/75) e Ferreira (1974) elementos referentes à função societal da educação; e Santos (1969) sobre a situação religiosa. Balanços globais, em geral mais descritivos, encontram-se em Herrick et al. (1965), Abshire e Samuels (1969), Kuder (1971) e Kahl (1972).

Especificando algo mais a constatação feita no início do ponto 3, pode dizer-se que existe, para o período do «epi-colonialismo», um quadro de referência mais desenvolvido do que para o «ultracolonialismo», no que diz respeito à economia política da formação social no seu conjunto, o mesmo não se aplicando ao nível ideológico-cultural e ao campo dos mecanismos não económicos da dominação colonial e da reacção africana.

3.2 — Tais afirmações justificam-se também tendo em conta a literatura existente sobre os diferentes componentes da formação social. Os que são dedicados à «sociedade central» frequentemente contém indicações válidas para a formação social no seu conjunto, especialmente quando tratam a situação económica; exemplos são Goosens e Gouverneur (1966), Ferreira (1978), Dilolwa (1978) e Rocha et al. [1979-a)] assim como no terreno específico do «mercado de trabalho», Mendes (1966) e Silva (1971). Também o excelente «estudo de caso» sobre o planalto da Huíla, apresentado por Medeiros (1976) em termos da geografia económica e social, concentra-se sobre um segmento da sociedade central, mas levando em conta as sociedades periféricas em que este segmento se encontra inserido. Em nível demográfico, constatações análogas são válidas para Rella (1969), enquanto Bender e Yoder (1974) se limitam à população branca. Obras inteiramente concentradas sobre áreas urbanas são Bettencourt (1965), Amaral (1968), Silva (1972/73), Monteiro (1973) e Caldeira (1974); as duas primeiras constituem estudos gerais de Luanda, enquanto as duas outras examinam áreas periféricas de Luanda e da cidade do Huambo. Em relação à agricultura europeia existem os recenseamentos da MIAA (volumes publicados de 1966 a 1972) cujos resultados foram, porém, só parcialmente aproveitados para fins analíticos, em Pössinger (1968) e em SPIEA (1971). No total, os contornos da situação económica da sociedade central são hoje bastante mais claros para a fase «epi-colonial» do que para a fase «ultracolonial», enquanto que apenas alguns aspectos da sua estrutura social foram investigados.

3.3 — No terreno das «sociedades periféricas» foi criada uma situação qualitativamente nova graças aos amplos recenseamentos realizados pela MIAA, a partir de 1964. Embora sendo eles próprios geralmente de natureza mais bem

descritiva, os relatórios por zona agrícola (1964/73), forneceram a base e/ou estímulo para uma série de estudos analíticos, de carácter diverso. Pössinger (1968) inclui uma visão geral da agricultura africana em Angola, assim como apresentações mais pormenorizadas do sistema agrícola dos Ovimbundu e do sistema agro-pastoril da «tribo» principal dos Ovambo de Angola, os Kwanyama. Num outro estudo, o mesmo autor (Pössinger, 1973) esboça a evolução/regressão dos Ovimbundu, na fase «epi-colonial», numa perspectiva simultaneamente ecológica, económica e sociológica, perspectiva esta que foi mais tarde retomada em Morais (1978). Silva e Morais (1973), adoptando uma abordagem ecossistémica, põem em evidência a regressão «epi-colonial», na área central dos Ovimbundu, a actual Província do Huambo; um balanço detalhado e crítico da «agricultura tradicional» na mesma área encontra-se em Grilo et al. (1971, vol. 1). Morais et al. (1974), Morais (1976) e Pössinger (1977) debruçam-se sobre a situação de uma «tribo» dos Ovimbundu, os Ndulu, em perspectivas ecológico-económicas e médico-antropológicas. Heimer (1973) examina o papel da educação na região do Cuíma, situada na parte sul da área habitada pelos Ovimbundu. Carvalho e Silva (1973) e Carvalho (1974) analisam a situação dos agro-pastores na região do Baixo Cunene, Morais (1974) a de uma «tribo» Herero, os Kuvale. Baseando-se num inquérito realizado em colaboração com a MIAA, na maior das áreas rurais de Angola, Heimer (1972, 1973/74) examina a situação económica e cultural das sociedades periféricas de cunho agrícola. Os dados deste inquérito assim como os recenseamentos da MIAA são utilizados em Silva (1978), numa tentativa de analisar a evolução dos agro-pastores do sul e sudoeste; segundo as linhas de indagação aqui relevantes, enquanto Silva (em preparação) destaca o papel do ensino naquele mesmo processo.

Em Rocha et al. [1979-b)], dados produzidos pela MIAA são utilizados na formulação de algumas hipóteses globais, referentes ao (sub) desenvolvimento económico das sociedades periféricas no seu conjunto. Globalmente, os estudos citados permitem captar com relativa nitidez, numa perspectiva ecológico-económica, as diferenças nos processos de evolução/regressão verificados nas sociedades periféricas durante o «epi-colonialismo», assim como as reacções destas sociedades à crescente pressão da sociedade central de as «incorporar». Estes estudos permitem também formular uma série de hipóteses sobre os processos decorridos nos níveis ideológico-cultural e político, resultantes nas sociedades periféricas, da forma específica que assumiu a «articulação de modos de produção» na formação social angolana, durante a fase sob exame. Em contrapartida, fornecem apenas algumas poucas indicações quanto ao processo da formação de classes no seio das sociedades periféricas. Neste contexto, os poucos trabalhos etnológicos que reflectem a situação no fim da era colonial [Havenstein (1967), Guerreiro (1968), Redinha (1975) e Lima (1977)] não oferecem mais do que alguns poucos subsídios.

4 — Resistência anticolonial e descolonização

Até ao momento presente, a maior parte da literatura sobre este(s) processo(s) ou é de natureza polémica ou apologética, ou se reveste de um carácter jornalístico, oferecendo frequentemente informações e sugestões eminentemente úteis para a formulação de hipóteses de pesquisa ou de interpretação, sem no entanto constituir um objecto possível do balanço aqui ensaiado onde se levará em conta, apenas, publicações de carácter científico.

4.1 — Quadros gerais das primeiras *formas políticas e culturais da resistência anti-colonial*, anteriores a 1961, encontram-se em Marcum (1969/78, vol. 1), Pélissier [1978-b) e 1979] e Decke (1980). Hamilton (1975), foca o protesto literário sobretudo nos anos 50 e 60. Contribuições importantes encontram-se na colectânea editada por Chilcote [1972-a)] e em Clington (1975). Gil (1972) e Santos (1972) tratam de formas de resistência religiosa. É certo que há muitos «factos» relativos à articulação e manifestação deste tipo de resistência que ainda ignoramos; no entanto, o que falta essencialmente, são tentativas mais sistemáticas no sentido de explicar estas reacções a partir da «conjuntura» então existente na formação social angolana e nas suas componentes.

4.2 — A guerra pela independência de Angola, de 1961 a 1974, seus antecedentes, sua eclosão e seu desenrolar, foram cuidadosamente reconstruídos na obra de Marcum (1969/78, 2 vols.). Uma descrição rica em detalhes sobre as revoltas iniciais, de 1961, encontra-se em Pélissier [1978-b)]. O mesmo autor lista noutro lugar (Pélissier, 1979) uma série de observações sobre o lado colonial da guerra; neste contexto Bender [1978-a)] examina o aspecto específico das «concentrações»; Heimer [1979-a) e b)] tenta um balanço provisório do comportamento dos diferentes componentes da formação social angolana, durante a guerra; as reacções nalgumas sociedade periféricas são descritas em Davidson (1973). Contribuições para uma compreensão aprofundada dos movimentos de libertação encontram-se em Koeppen-Schumerus (1966), Davidson (1971/72), Chilcote (1972), Clington (1975), Santos (1975), Stut (1977), Barros (1977), Gallo (1978) e Kivouvou (1980). É nesta área que se situa o esforço central do trabalho de Decke (1980) que trata, essencialmente, os condicionamentos sociais e a importância social dos movimentos de libertação e da guerra pela independência. No momento presente, já possui uma compreensão bastante diferenciada do processo no seu conjunto, embora haja, evidentemente, necessidade de se aprofundar todos os aspectos até hoje abordados.

A área menos estudada é, por razões óbvias, a do comportamento dos diferentes componentes da população angolana.

4.3 — Uma primeira reconstrução histórica do *processo de descolonização 1974/76* é igualmente dada por Marcum (1969/76, vol. 2, cap. 6). Heimer [1979-a) e b)] apresenta uma análise do conflito, em termos de sociologia política. Em am-

bos os casos, o acento principal foi posto no exame do processo *in loco*, e não no «conflito internacional». Com estes trabalhos, dispõe-se doravante, de uma base que permite avançar em direcção a indagações mais específicas.

5 — A evolução pós-colonial

As condições em que Angola acedeu à independência e as imensas dificuldades encontradas na sua estabilização, tornaram praticamente impossível a realização, no país, de pesquisas em ciências sociais, a partir de 1975. A única excepção significativa é, possivelmente, a investigação do processo político, realizada por Gerald Bender durante repetidas permanências em Angola e cujos resultados actualmente se aguardam [a título preliminar, Bender, 1978-b)]. Entre as poucas «análises à distância», destaca-se Schümer (1977) onde é feito um balanço da situação económica inicial. Um esboço de algumas dimensões da evolução sócio-política até meados de 1978 encontra-se em Heimer [1979-b)]. Tentativas de avançar hipóteses mais específicas neste terreno [por exemplo, Gabriel (1978), sobre a relação entre estado e estrutura de classes] apresentam-se bastante problemáticas, dada a sua escassa base empírica. Por outro lado os ensaios de Decke (1978), Clarence-Smith (1980) e Heimer (1980) ilustram a possibilidade de «operacionalizar», desde já, algumas das indagações aqui relevantes, aplicando-as à fase pós-colonial.

BIBLIOGRAFIA

- ABRANCHES, Henrique — *Reflexões sobre a Cultura Nacional*, Lisboa: Edições 70, 1980.
- ABSHIRE, David M.; SAMUELS, Michael A. — *Portuguese Africa: A Handbook*, Londres, Pall Mall 1969.
- AMARAL, Ilídio do — *Luanda: Estudo de Geografia Urbana*, Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar, 1968.
- ANDERSON, Perry — *Le Portugal ou la fin de l'ultracolonialisme*, Paris, Maspero, 1963.
- ANDRADE, Mário de; OLLIVIER, Marc — *La Guerre en Angola: Étude Socio-Économique*, Paris, Maspero, 1971 (em Português: *A Guerra em Angola: Estudo Sócio-Económico*, Lisboa, Seara Nova, 1974).
- BARROS, Maurício José — *Die Entwicklung der nationalen Befreiungsbewegung in Angola: Eine kritische Betrachtung*, tese de doutoramento, Berlim, Freie Universität, 1977.
- BAUMANN, Hermann — «Die Südwest-Bantu-Provinz (incl. Jägerreste Südwest-Angolas)», in. *id.* (ed.), *Die Völker Afrikas und ihre traditionellen Kulturen*; parte I: *Allgemeiner Teil und Südliches Afrika*, Wiesbaden, Steiner, pp. 473-511, 1975-a).
- «Die Sambesi-Angola-Provinz», in. *id.* (ed.), *Die Völker Afrikas und ihre traditionellen Kulturen*; parte I: *Allgemeiner Teil und Südliches Afrika*, Wiesbaden, Steiner, pp. 513-648, 1975-b).
- BENDER, Gerald J. — *Angola Under the Portuguese: The Myth and the Reality*, Londres, Heinemann (em português: *Angola sob o domínio português: Mito e realidade*, Lisboa, Sá da Costa, 1980), 1978-a).
- «Angola, the Cubans, and American Anxieties», *Foreign Policy*, 31, pp. 3-30, 1978-a).
- BENDER, Gerald J.; ISAACMAN, Allen — «The Changing Historiography of Angola and Mozambique», in Christopher Fyfe (ed.), *African Studies Since 1945: A tribute to Basil Davidson*, Londres, Longman, pp. 220-248, 1976.

- BENDER, Gerald J.; YODER, P. Stanley — «Whites in Angola on the Eve of Independence: The Politics of Numbers», *Africa Today*, 21 (4), pp. 23-37, 1974.
- BETTENCOURT, José de Sousa — «Subsídio para o estudo sociológico da população de Luanda», *Boletim do Instituto de Investigação Científica de Angola*, 2 (1), pp. 83-130, 1965.
- BIRMINGHAM, David — «The Coffee Barons of Cazengo», *Journal of African History*, 19 (4), pp. 523-538, 1978.
- BOAVIDA, Américo — *Angola: Cinco Séculos de Exploração Portuguesa*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967.
- CALDEIRA, António da F. — *O Bairro de Cacilhas de Nova Lisboa — Angola: Uma Abordagem Etnossociológica*, tese de licenciatura, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, 1974.
- CARREIRA, António — *Angola: Da Escravatura ao Trabalho Livre*, Lisboa, Arcádia, 1977.
- CARVALHO, Eduardo Cruz de — «Traditional and Modern Patterns of Cattle Raising: A Critical Evaluation of Change from Pastoralism to Ranching», *Journal of Developing Areas*, 8 (2), pp. 199-226, 1974.
- CARVALHO, Eduardo Cruz de; SILVA, Jorge Vieira da — «The Cunene Region: Ecological Analysis of an African Agro-Pastoral System», in Franz-Wilhelm Heimer, ed., *Social Change in Angola*, Munique, Weltforum, pp. 145-192.
- CASTRO, Armando — *O Sistema Colonial Português em África (Meados do Século XX)*, Lisboa, Caminho, 1978.
- CEDETIM (Groupe Afrique Centrale du Centre d'Études Anti-impérialistes) — *Angola: la lutte continue*, Paris, Maspéro, 1977.
- CHILCOTE, Ronald — *Portuguese Africa*, Englewood Cliffs, Prentice Hall, 1967.
- *Emerging Nationalism in Portuguese Africa: Documents*, Stanford, Hoover Institution Press, 1972-a).
- *Protest and Resistance in Angola and Brazil: Comparative Studies*, Berkeley, etc., University of California Press, 1972-c).
- CARVALHO, Abílio Lima de — «Angola: Diferenciação, estratificação e mobilidade social: Alguns problemas introdutórios fundamentais», in *Angola: Curso de Extensão Universitária*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, pp. 133-156, 1964.
- CLARENCE Smith, WILLIAM Gervase — *The Farmer-Herders of Southern Angola and Northern Namibia, 1840 s-1920 s*, manuscrito não publicado (contribuição para Heimer, em preparação, 1978-a).
- *The Angolan Nucleus from the 1840 s to the 1920 s*, manuscrito não publicado (contribuição para Heimer, em preparação, 1978-b).
- «Capitalist Penetration Among the Nyaneka of Southern Angola, 1860 s to 1920 s», *African Studies*, 37 (2), pp. 163-176, 1978-c).
- «The Myth of Uneconomic Imperialism: The Portuguese in Angola, 1836-1926», *Journal of Southern African Studies*, 5, pp. 165-180, 1979-a).
- *Slaves, peasants and capitalists in Southern Angola, 1840-1926*, Cambridge, Cambridge University Press, 1979-b).
- *Class Formation in the Central Highlands of Angola, c. 1850 to c. 1913*, manuscrito não publicado (contribuição para Heimer, em preparação, 1979-c).
- «Class Structures and Class Struggle in Angola in the 1970 s», *Journal of Southern African Studies* (no prelo), 1980-a).
- *Capital Accumulation and Class Formation in Angola, 1875-1961*, manuscrito não publicado (contribuição para David Birmingham e Phyllis Martin, ed., *History of Central Africa*, em preparação, 1980-c).
- CLARENCE-Smith; WILLIAM Gervase; MOORSOM, Richard — «Underdevelopment and Class Formation in Ovamboland, 1845-1915», *Journal of African History*, 16 (3), pp. 365-381, 1975 (assim como em Robin Palmer e Neil Parsons ed., *The Roots of Rural Poverty in Central and Southern Africa*, Londres, Heinemann, pp. 96-112, 1977).
- CLINGTON, Mário de Souza — *Angola libre?*, Paris, Gallimard, 1975.

- COMPTE, Philippe — «Les provinces portugaises d'outre-mer et la 'force des choses'», *Revue Juridique et Politique*, 18 (2,4) pp. 239-262/574-584, 1964-a).
- «Problèmes économiques dans les provinces portugaises d'Afrique continentale», *Tiers Monde*, pp. 165-209, 1964-b).
- COSTA, Júlio da C. — *Os Mussorongos de Angola*, tese de licenciatura, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, 1961.
- DAVIDSON, Basil — «Angola in the Tenth Year: A Report and an Analysis», *African Affairs*, 70 (278), pp. 37-49, 1971.
- *In the Eye of the Storm: Angola's People*, Garden City, Doubleday, 1972.
- «African Peasants and Revolution», *Journal of Peasant Studies*, 1 (3), pp. 269-290, 1973.
- DECKE, Bettina — «Angola», in Peter Ripken, (ed.), *Südliches Afrika: Befreiungskampf und politische Zukunft*, Berlin, Wagenbach, pp. 43-79, 1978.
- *A Terra é Nossa: Koloniale Gesellschaft und Befreiungsbewegung in Angola*, tese de doutoramento, Frankfurt: Johann-Wolfgang-Goethe-Universität.
- DIAS, Jill R. — *Changing Patterns of Power in the Luanda Hinterland: The Impact of Trade and Colonisation on the Mbundu, 1845-1920*, manuscrito não publicado (contribuição para Heimer, em preparação), 1978.
- DILOLWA, Carlos Rocha — *Contribuição à História Económica de Angola*, Luanda, 1978.
- DUFFY, James — *Portugal in Africa*, Cambridge/Mass e Londres, Harvard University Press, 1962.
- *A Question of Slavery*, Oxford, Clarendon, 1967.
- EDWARDS, Adrian C. — *The Ovimbundu Under Two Sovereignties: A Study of Social Control and Social Change Among a People of Angola*, Londres, etc., Oxford University Press, 1962.
- FERREIRA, Eduardo de Sousa — *Portuguese Colonialism from South Africa to Europe*, Freiburg: Aktion Dritte Welt (edição ampliada em português: *Aspectos do Colonialismo Português: Análises de Economia e Política sobre as Colónias Portuguesas*, Lisboa, Seara Nova, 1972-1974.
- *Portuguese Colonialism in Africa: The End of an Era. The effects of Portuguese Colonialism on Education, Science, Culture and Information*, Paris, UNESCO, 1974. (edição portuguesa: *O Fim de Uma Era*, Sá da Costa, 1977).
- *Transformação e Consolidação da Economia Colonial Angolana, 1930-1974*, manuscrito não publicado (contribuição para Heimer, em preparação), 1978.
- GABRIEL, Claude — *Angola: le tournant africain?*, Paris, La Brèche, 1978.
- GALLO, Donato — «Techniche di dominio coloniale e movimenti di liberazione: il caso dell' Angola», *Terzo Mondo*, 11 (35/36), pp. 31-112, 1978.
- GIL, Maria Helena V. Neves Mendes — *Les mouvements messianiques en Angola*. Tese de licenciatura, Paris, École Pratique des Hautes Études, 1972.
- GOOSENS, J. L.; GOUVERNEUR, J. — *Profils et perspectives économiques en Angola et Moçambique*, s. l. s. d. [cf. Pélissier 1978-b]], 1966.
- GRILO, Luís Alexandre T. Teles et al. — *Plano de Desenvolvimento do Distrito do Huambo*, vol. 1, *Caracterização Genérica da Região*, Nova Lisboa, Serviços de Planeamento e Integração Económica de Angola, 1971.
- GROHS, Gerhard — «The Social Impact of Christian Missions in Angola», em preparação.
- GUERRA; Henrique Lopes — *Angola: Estrutura Económica e Classes Sociais*, Luanda, Livrangol, 1975 (republicado em Lisboa, Edições 70, 1979).
- GUERREIRO, Manuel Viegas — *Bochímanes ! Khũ de Angola*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1968.
- HAMILTON, Russel G. — *Voices from an Empire: A History of Afro-Portuguese Literature*, Minneapolis, University of Minnesota Pres., 1975.
- HAMMOND, Richard J. — *Portugal and Africa 1815-1910: A Study in Uneconomic Imperialism*, Stanford, Stanford University Press, 1966.
- «Some Economic Aspects of Portuguese Africa in the Nineteenth and Twentieth Centuries», in Peter Duignan & Lewis N. Gann (ed.), *Colonialism in Africa 1870-1960*, vol. IV, *The Economics of Colonialism*, Cambridge etc., Cambridge University Press, pp. 151-164, 1978.
- HAUENSTEIN, Alfred — *Les Hanya*, Wiesbaden, Steiner, 1968.

- HEIMER, Franz-Wilhelm — *Educação e Sociedade nas Áreas Rurais de Angola: Resultados de um Inquérito*; vol. I, *Apresentação do Inquérito; Estatísticas Descritivas*, Luanda, Missão de Inquéritos Agrícolas de Angola, 1972.
- «Education, Economics and Social Change in Rural Angola: The Case of the Cuíma Region», in idem, (ed.), *Social Change in Angola*, pp. 111-143, 1973.
- «Estrutura social e descolonização em Angola», *Análise Social*, 10 (4) 1973 (publicado em 1975), pp. 621-655, 1973-75.
- *Educação e Sociedade nas Áreas Rurais de Angola: Resultados de um Inquérito*; vol. II: *Análise do Universo Agrícola*, 1973, manuscrito não publicado, versão retrabalhada dos capítulos introdutório e final do mesmo manuscrito, Luanda, Serviços de Planeamento e Integração Económica de Angola (mimeografado), 1974.
- «Entkolonisierung und politische Legitimität: Vorüberlegungen zu einem Interpretationsmodell für Schwarzafrika am Beispiel Angolas», *Civitas-Jahrbuch für Sozialwissenschaft*, 15, pp. 189-222, 1977-78 (publicado em 1978).
- *The Decolonization Conflict in Angola, 1974-76: An Essay in Political Sociology*, Genebra, Institut Universitaire des Hautes Études Internationales, 1979-a), (versão portuguesa: *O Processo da Descolonização em Angola, 1974-1976: Ensaio de Sociologia Política* Lisboa, A Regra do Jogo, 1980).
- *Der Entkolonisierungskonflikt in Angola*, Munique, Weltforum (versão consideravelmente ampliada e totalmente retrabalhada de 1979-a).
- «Formation sociale, développement économique et option socialiste en Angola», *Genève-Afrique* (no prelo), 1980.
- *Formação da Sociedade Angolana*, Lisboa, Editorial Presença (em inglês: *The Formation of Angolan Society*, Londres, Heinemann, em preparação).
- HENDERSON, Lawrence W. — *Angola: Five Centuries of Conflict*, Ithaca & Londres, Cornell University Press, 1979.
- HERRICK, Allison Butler et al. — *Area Handbook for Angola*, Washington, The American University, 1965.
- KAHL, Joachim F. — *Pro und kontra Portugal: Der Konflikt um Angola und Mosambik*, Estugarda, Seewald, 1972.
- KOEPPEN — Schumerus, Frauke — *Angola 1966/67*, Bad Godesberg, Friedrich-Ebert-Stiftung, 1967.
- KIVOUVOU, Prosper — *Angola vom Königreich Kongo zur Volksrepublik*, Berlin, Pahl-Rugenstein, 1980.
- KUDER, Manfred — *Angola: eine geographische, soziale und wirtschaftliche Landeskunde*, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1971.
- LIMA, Maria Helena Figueiredo — *Nação Ovambo*, Lisboa, Aster, 1977.
- MARCUM, John A. — *The Angolan Revolution*; vol I: *The Anatomy of an Explosion (1950-1962)*, 1969; vol. II: *Exile Politic and Guerrilla Warfare (1962-1976)*, 1978, Cambridge/Ma & Londres, MIT Press.
- MARQUES, Walter — *Problemas do Desenvolvimento Económico de Angola*, 2 vol., Luanda, Junta de Desenvolvimento Industrial, 1964 e 1965.
- MEDEIROS, Carlos Alberto — *A Colonização das Terras Altas da Huila (Angola): Estudos de Geografia Humana*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, 1976.
- MENDES, Afonso — *O Trabalho Assalariado em Angola*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, 1966.
- MINTER, William — *Imperial Network and External Dependency: The Case of Angola*, Beverly Hills, Londres, Sage, 1972.
- MONTERIO, Ramiro Ladeiro — *A Família nos Musseques de Luanda: Subsídios para o Seu Estudo*, Luanda, Fundo de Acção Social no Trabalho de Angola, 1973.
- MORAIS, João David de — «Contribution à la connaissance de l'antropo-écologie de la malnutrition chez les Va-Ndulu», *Anais do Instituto de Higiene e Medicina Tropical*, 4 (1/4), pp. 481-547, 1976.

- *Transformações Ocorridas na Sociedade Umbundu desde o Colapso do Comércio da Borracha até ao Fim da Era Colonial*, manuscrito não publicado (contribuição para Heimer, em preparação), 1978.
- MORAIS, João Augusto David de; GOUVEIA, Alberto; ROSA, João da — «Subsídios para o conhecimento médico e antropológico do povo Undulu», *Anais do Instituto de Higiene e Medicina Tropical*, 3 (1/4), pp. 143-256, 1975.
- MORAIS, Júlio Artur de — *Contribution à l'étude des écosystèmes pastoraux: Les Vakuvals du Chingo*, tese de doutoramento, Paris, Université Paris, VII (Jussieu), 1974.
- MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) — *História de Angola*, Porto, Afrontamento, 1974.
- OKUMA, Thomas — *The Social Response of Christianity in Angola: Selected Issues*, tese de doutoramento, Boston, Boston University, 1964.
- PAPSTEIN, Robert J. — *The Upper Zambezi: A History of the Luvale People*, tese de doutoramento, Los Angeles, University of California, 1978.
- PIRES, António — *Angola essa Desconhecida*, Luanda, ed. do autor, 1964.
- PÉLISSIER, René — *Les guerres grises: Résistance et révoltes en Angola (1845-1961)*, Orgeval, ed. do autor, 1978-a).
- *La colonie du Minotaure: Nationalismes et révolts en Angola (1926-1961)*, Orgeval, ed. do autor, 1978-b).
- *Le naufrage des caravelles: Études sur la fin de L'Empire Portugais (1961-1975)*, Orgeval, ed. do autor, 1979.
- PÖSSINGER, Hermann — *Landwirtschaftliche Entwicklung in Angola und Moçambique*, Munique, Weltforum, 1968.
- PÖSSINGER, Hermann — «Interrelations Between Economics and Social Change in Rural Africa: The Case of the Ovimbundu of Angola», in Franz-Wilhelm Heimer (ed.), *Social Change in Angola*, Munique, Weltforum Verlag, pp. 31-53, 1973.
- *A Transformação da Sociedade Umbundu desde o Colapso do Comércio das Caravanas*, manuscrito não publicado, 1977.
- REDINHA, José — *Etnias e Culturas de Angola*, Luanda, Instituto de Investigação Científica de Angola, Banco de Angola, 1975.
- RELLA, José Manuel Zenha — *Angola: O «Factor População» e o Processo de Desenvolvimento*, tese de licenciatura, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, 1969.
- REMICK, John Erni — *American Influence on the Education of the Ovimbundu (the Benguela and Bié Highlands) of Angola, Africa*, tese de doutoramento, Oxford, Ohio, Miami University, 1976.
- ROCHA, Alves da; LOURENÇO, Nelson; MORAIS, Armando — «Angola nas vésperas da independência», *Economia e Socialismo*, 36/37/38, pp. 25, 44/39, 45/40-49, 1979-a).
- «O sistema tradicional na formação económica e social angolana (1969-73)», *Economia e Socialismo*, 45, pp. 29-50, 1079-b).
- ROSSI, Luiz Basilio — *As Exportações de Produtos Agrícolas de Angola entre 1919 e 1939*, tese de licenciatura, Louvain-la-Neuve, Université Catholique de Louvain, 1976.
- SAMUELS, Michael Anthony — *Education in Angola, 1878-1914: A History of Culture Transfer and Administration*, Nova Iorque, Teachers College Press, 1970.
- SANTOS, Eduardo dos — *Maza: Elementos de Etno-História para a Interpretação do Terrorismo no Noroeste de Angola*, Lisboa, ed. do autor, 1968.
- *Religiões de Angola*, Lisboa, 1969.
- *Movimentos Proféticos e Mágicos em Angola*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1972.
- SCHÜMER, Martin — *Die Wirtschaft Angolas 1973-1976: Ansätze einer Entwicklungsstrategie der MPLA-Regierung*, Hamburgo, Institut Für Afrika-Kunde, 1977.
- SILVA, Fernando Diogo da — *O Huambo: Mão-de-Obra Rural no Mercado de Trabalho em Angola*, Luanda, Fundo de Acção Social no Trabalho de Angola, 1969.

- SILVA, Elisete Marques da — *Condicionamentos Sócio-Culturais da Escolarização na Zona Suburbana de Luanda: Teste Preliminar de Algumas Hipóteses*, Luanda, Missão de Inquéritos Agrícolas de Angola, 1972. Resumo em inglês: «Social Conditions of School Attendance and Achievement of Minors in Suburban Luanda: A Preliminar Test of Some Hypotheses», in Franz-Wilhelm Heimer (ed.), *Social Change in Angola*, Munique, Weltforum Verlag, pp. 193-210, 1973.
- *O Impacto da Dominação Colonial nas Sociedades Africanas do Sul de Angola*, manuscrito não publicado (contribuição para Heimer, em preparação), 1978.
- *Éducation et Incorporation: Le rôle de l'enseignement dans l'intégration coloniale des agropasteurs dans la formation sociale angolaise*, Munique, Weltforum. Verlag (em preparação).
- SILVA, Jorge Vieira da; MORAIS, Júlio Artur de — «Ecological Conditions of Social Change in the Central Highlands of Angola», in Franz-Wilhelm Heimer (ed.), *Social Change in Angola*, Munique, Weltforum Verlag, pp. 93-109, 1973.
- SOREMEKUN, Fola — *A History of the American Board Missions in Angola, 1880-1949*, tese de doutoramento, Evanston, Northwestern University, 1965.
- «The Bailundo Revolt, 1902», *African Social Research*, 16, pp. 449-473, 1973.
- «Trade and Dependency in Central Angola: The Ovimbundu of the Nineteenth Century», in Robin Palmer e Neil Parsons (eds.), *The Roots of Rural Poverty in Central and Southern Africa*, Londres, etc., Heinemann, pp. 82-95, 1977.
- STUT, Dirk — *Angolas Grenzen und Möglichkeiten der Befreiung*, Amsterdam, Anansi, 1977.
- TORRES, Adelino — *Comércio e Colonização: Aspectos da Dependência de Angola na Primeira Metade do Século XX*, Lisboa, Instituto Superior de Economia, Centro de Estudos da Dependência, 1979.
- URQUHART, Alvin Willard — *Patterns of Settlement and Subsistence in Southwestern Angola*, Washington, National Academy of Sciences, 1963.
- WHEELER, Douglas L. — *Origins of African Nationalism in Angola: Assimilado Protest Writings, 1829-1929*, in Ronald Chilcote, ed. (1972-b), pp. 69-87, 1972.
- *A Changing Colonial Society: Luanda and Region, 1850-1930*, manuscrito não publicado, 1978.
- WHEELER, Douglas; PÉLISSIER, René — *Angola*, Londres, Pall Mall, 1971.
- WHEELER, Douglas; CHRISTENSEN, C. Diane — «To Rise With One Mind: The Bailundo War of 1902», in Franz-Wilhelm Heimer (ed.), *Social Change in Angola*, Munique, Weltforum Verlag, pp. 53-92, 1973.

